

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Lúcia Helena Santos Souza	Data: 31/05/2011	Ocupação: Secretária Municipal de Turismo, Cultura, Meio Ambiente, Esporte e Lazer
Município: Itambé do Mato Dentro		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Aline Pinheiro Brettas Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 1 hora e 09 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em <i>itálico</i> foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Nome?*

- Lúcia Helena Santos Souza.

- *Idade?*

- 47.

- *Endereço?*

- Rua Itabira, 181, Itambé do Mato Dentro.

- *Profissão?*

- Secretária Municipal de Turismo, Cultura, Meio Ambiente, Esporte e Lazer.

- *Qual que é a sua inserção no meio cultural da cidade? Assim, você é secretária, então como que é sua atuação, mediante essas práticas culturais que têm aqui na cidade, a sua influência?*

- Na verdade, a gente tenta resgatar as festas tradicionais, ou seja, a cultura local mesmo, sabe? Incentivar também é muito importante, e também é uma cidade pequena, nós somos apenas quase 3.000 habitantes, e é uma cidade que tem muita coisa bacana, além dos atrativos naturais que a gente tem. Tem muita coisa de cultura que precisa ser resgatada, como no caso mesmo, a nossa marujada, e a gente tem assim dificuldades, porque as pessoas ainda não têm a consciência do que isso é, do que pode trazer em prol deles mesmo, do município, entendeu?

- *E como que vocês têm feito, assim, por parte da Prefeitura, pra resgatar isso?*

- Então, nesse sentido, a gente faz direto festas igual festas religiosas, o Festival das Montanhas, que também foi uma invenção pra trazer essas culturas até a gente, e mostrar também de uma forma ampla pros próprios moradores, ou seja, pra população de Itambé que também desconhece, sabe? Então agora, a gente, fazendo essa ação, com certeza eles estão mais conscientes e sabem que isso é um patrimônio daqui de Itambé do Mato Dentro, que ninguém assim vai tirar, não é verdade? Então a gente faz esse trabalho, como se fosse uma educação mesmo, reeducação patrimonial, de valores, de tudo o que envolve a cultura e também o seus costumes, né?

- Certo, seria como fossem incentivados a continuar essas ações.

- Sim.

- Então a gente vai começar a falar dessas práticas. Quais são essas manifestações culturais? Festas religiosas ou não, saberes, que pode incluir um artesanato ou uma outra ação que é feita manualmente, ou modos de fazer tradicionais, que existem na cidade, na sede, e se possível, nas comunidades rurais?

- A gente tem aqui, bem ativo, no meio da gente, é a Marujada e também o artesanato. O artesanato, ele é feito na palha de banana, na palha de milho, no sisal, na taquara e no taquarassu.

- São plantas?

- São plantas. Então, desde a luminária, cestarias, é muito bacana, muito rico o artesanato nessas fibras, vamos dizer assim. Então, a gente leva também, geralmente quando tem feira, “Mão de Minas”...a gente tem aqui a Associação de Artesanato, que pega todo o material, ou seja, o artesanato, leva, expõe lá, tem um estande pra cidade. A Prefeitura dá todo o apoio, toda a infra-estrutura, pra tá levando, pra tá acomodando as pessoas que vão expor.

- E esses eventos ocorrem aqui mesmo em Conceição ou em outros municípios?

- Não, geralmente em Belo Horizonte. É o “Mão de Minas”, também, hoje, na região, tem o “Museu Tropeiro”, que geralmente todo ano comemora o aniversário, então eles convidam as regiões, as cidades vizinhas para tarem expondo seus artesanatos, doces, essas coisas, local.

- Sabe me dizer o nome dessas pessoas, que elaboram esses produtos?

- De artesanato tem a Andréia, que é artesã, ela é daqui da sede, até trabalha aqui na Prefeitura. Tem o Zé da Lapa, tem a Maria Costa, tem a Nívea, que ela faz, no caso, colcha de retalho, sabe?

- Com qual material que eles trabalham, cada um, você sabe me dizer?

- Ó, Andréia trabalha mais...caixas, esqueci o nome do material agora. O Zé da Lapa, é esse artesanato que eu te falei, desde a palha de milho até o taquarassu; a Gorete também. Tem

uma outra, também Andréia, que é da zona rural, porque essa associação de artesanato, ela é tanto da sede quanto da zona rural. Também as cestarias, com palha de milho, com folhas de bananas, sabe?

- *Esses produtos são variados? São mais produtos pra casa ou outros tipos de produtos, assim?*

- São variados. Não, pra casa.

- *Bom, e a Marujada? Quem que é o mestre, como que eles se organizam? Quantas pessoas são?*

- Ó, o mestre é Seu Lucas, mora na zona rural de Várzeas. Tanto é que a Marujada tem o nome de São José de Várzeas, e quem organiza tudo dentro da Marujada é o próprio Seu Lucas, só ele. Ele que organiza as festas, vão supor, se tem a festa em qualquer lugar, ou seja, de Itambé do Mato Dentro, ele que sabe. E repassa pros outros companheiros, onde vão estar em determinados dias do mês.

- *E são quantas pessoas, mais ou menos?*

- São, aproximadamente hoje 18 pessoas.

- *Homem, mulher, criança...?*

- Homem, mulher, criança.

- *E faixa etária? Tem criança e têm idosos?*

- Sim, o Seu Lucas já é idoso. Toda a faixa etária, como diz o outro: do velho à criança.

- *E tem só, você falou desse grupo de São José de Várzea. E tem outro grupo também?*

- Já existiu. Hoje não existe mais. Também, próximo à São José de Várzeas.

- *E porque que ele acabou?*

- É...foram...o mestre morreu, geralmente o mestre sempre é o mestre. Porque ele que puxa, ele que organiza, sabe? Ele que reúne com todos, e parece assim, falta de interesse mesmo, dos que ficam e os que vêm. Então, deve ser por isso, não sei te explicar direitinho não, porque não é muito mais a minha época, tem bastante tempo que esse outro grupo já exterminou, não existe mais.

- *E voltando a esse que existe, então, você falou que doa materiais, que a Prefeitura doa materiais. Como que se dá essa doação? É material, é dinheiro em espécie, é o Poder Público...?*

- Não, é material. É o uniforme, os instrumentos, é transporte, é assim.

- *E é o Poder Público que providencia ou é a comunidade?*

- Não, o Poder Público.

- *Tem um orçamento que elabora, que destina uma verba pra eles?*

- Não, não. A gente tem a Secretaria de Cultura, mas num tem verba nenhuma que vem, destinada a isso não. É o próprio Poder Público mesmo.

- *E eles se organizam como, se apresentam como? Assim, a Marujada, em que eventos, como que é, se tem um ritual?*

- Geralmente, festas religiosas, que aqui são muitas, tá? E durante o festival, o período do Festival das Montanhas, que é julho. Então o mês inteiro de julho, eles fazem apresentação dentro do festival.

- *E como que é essa apresentação deles?*

- A manifestação com músicas de reisado, com as danças que eles fazem, com a trança da fita, que é muito interessante. Que eles dançam, trançando no mastro, as fitas no mastro, e depois eles trançam.

- *E como que eles se vestem?*

- É uma roupa bem simplisinha, pelo que era da época antiga, entendeu? É uma camisa de malha, uma calça normal, um tênis confortável, sabe? Assim.

- *Eles variam assim, por ano, a indumentária, ou é a mesma?*

- Não. Eles têm duas, se não me engano. Mas...num tem, quando num tá com uma, tá com a outra.

- *E antigamente, antes, você tinha mencionado que há 40 anos atrás eles se vestiam de outra forma...como que era?*

- É, é uma roupa bem folclórica, vamos dizer assim. Muito espelho, muita fita, muita cor. Então, destacava mais, bem mais.

- *E sobre as outras manifestações culturais, sobre festas ou alguma prática que tem aqui, que é típica da região?*

- Então, já têm seis anos que acontece a Festa da Banana com Melado, que ela tá envolvida dentro do Festival das Montanhas. Isso é um regate, de engenhos, de cana-de-açúcar. Nesses engenhos, antigamente, as pessoas viviam, ficavam ali moendo cana, fazendo a rapadura, o dia inteiro. Então na maioria das vezes, neste local onde existiu o engenho, existia também uma fornalha onde cozinhavam banana pra fazer comida de porco. Então, quando a banana tava cozida, e o melado estava pronto na tacha pra virar pra fazer a rapadura, aí as pessoas tinham o hábito de comer a banana com o melado em cima. E é uma delícia por sinal, sabe? Então a gente resgatou, sabe, essa cultura, onde hoje faz o Festival das Montanhas, que abre com a Festa do Caldeirão. A Festa do Cadeirão é uma festa onde envolve toda a cultura, desde o Papai Noel até o Carnaval, pra você ter uma idéia. Então a abertura do festival é o Caldeirão, a Festa do Caldeirão. E a gente fecha com a Festa da Banana com Melado, que ela

é muito direcionada à música. Todo, ou seja, o negro, a gente faz tudo afro, sabe, então assim, e as pessoas adoram, porque a gente serve também a banana com melado assim numa barraca, e é uma delícia, todo mundo ama, espera esse dia. Às vezes assim – “não, não vai dar pra ir na abertura não, mas no final eu vou estar pra comer a banana com melado”, sabe?

- *E quem que faz esses pratos?*

- Então, são as pessoas que trabalham aqui no Poder Público. A gente pede as meninas, vão supor: as merendeiras da escola. E também pra fazer o melado, tem que ser pessoas que realmente entende de como faz uma rapadura, no caso. Porque têm uns processos, que nem eu mesma sei explicar, mas tem que coar, depois tem que ficar, dá muita espuma, tem que espumar segundo o linguajar do pessoal aqui. O melado, tem que colocar um tal de alça-peixe, pra limpar aquela impureza que às vezes fica da moagem mesmo, da cana ali, então, é muito interessante.

- *E ela, esse doce é vendido numa barraca?*

- Não, não. Ele é doado, é degustação mesmo.

- *Ah tá. E vem gente da cidade, dos arredores...?*

- De todos os lugares, sabe? E a gente faz questão disso, aí que no outro ano – “nó, que delícia!” – e o pessoal vem mesmo (risos)! Vai divulgando.

- *E tem quantos anos essa festa?*

- Tem seis anos.

- *E ela acontece sempre junto com essa Festa das Montanhas?*

- É, o Festival das Montanhas. Porque na verdade, toda a cidade tem o Festival de Inverno, né? E a gente não quis colocar Festival de Inverno, porque todas as cidades tem um festival de inverno. E também a cidade, como é pequena, não tem muita condição, então o quê que a gente fez? “Vão colocar Festival das Montanhas pra ficar uma coisa diferenciada de todas as outras”, ou seja, e deu certo! Porque a cidade, cercada de montanhas, então ficou uma coisa bem característica também do município, né?

- *E também acontece há seis anos?*

- Há seis anos.

- *Em julho? Quando de julho?*

- Em julho. Depende do ano, igual, este ano vai começar dia primeiro e vai até o dia 31. E esse ano: julho vai ter cinco finais de semana, então vão ser...durante a semana a gente trabalha com oficinas, e final de semana a gente faz shows, e alguma oficina que tiver alguma apresentação a gente faz também.

- *E que tipo de oficina que é?*

- Ó, aqui a gente já fez oficina de vidro, reciclagem de vidro, papel machê, bambu...quê mais? De empreendimento ao turismo, tudo o que a gente vê que é necessário, que é bacana, num tem assim uma sequência não.

- *E, além do doce da banana, é feito mais algum outro doce?*

- Sim, a gente pode fazer a bananada, que é muito conhecida. A gente faz a banana frita, pode fazer a sopa de banana, que é uma delícia também. O angu de banana, a farinha de banana, que é muito rica. E, inclusive, a gente tá juntando um...vão ver se a gente consegue acabar, agora, o festival. Vê se a gente consegue fazer o documentário da banana, pra gente registrar, sabe? Como bem imaterial mesmo, de Itambé do Mato Dentro. E esse trabalho assim, ele já tem uma data pra gente tá em cima, trabalhando, todo ano, a gente tem assessoria da Miguilim aqui na cultura, que a gente fecha o semestre todo agora, em janeiro e tal...então entra todo um estudo, agora mesmo é documentar mesmo, pra gente chegar a ponto de registro mesmo.

- *Vocês pretendem encaminhar esse registro pra algum órgão?Pra onde vocês pensam?*

- Com certeza. Pro IEPHA.

- *E outras festas, que têm aqui na cidade?*

- Nós temos a festa tradicional – que é Nossa Senhora das Oliveiras – que acontece geralmente em todo último final de semana de agosto.

- *E o quê que é, como é essa festa?*

- Porque Nossa Senhora das Oliveiras é a Padroeira de Itambé, trazida pelo Rumão Gramacho, que é o descobridor da cidade. Então, é uma tradição mesmo, também de Itambé, que essa festa, são em média seis festeiros, porque ela é muito grande, dá muito trabalho, ano passado até eu fui festeira. A gente trabalha durante o ano inteiro, pra realizar a festa em agosto. E são quatro festas que acontecem: Nossa Senhora das Oliveiras, Sagrado Coração de Jesus e Divino Espírito Santo. Desculpa, três.

- *Tudo na mesma época, na mesma festa?*

- É, em agosto, na mesma festa. Então reúnem-se todos e faz essa festa em agosto. Muito bonita, têm shows, tem procissão...

- *São quantos dias de festa?*

- São...final de semana. Começa na sexta e termina no domingo. No último final de semana, em agosto.

- *E como que é essa organização da festa? Como que é o andamento da festa? Na sexta, como que é a abertura...?*

- Na sexta, geralmente abre a festa, com o Sagrado Coração de Jesus. Aí tem show, aí tem a missa, antes, tem a procissão...uma semana antes também, têm as novenas do Sagrado

Coração de Jesus, de Nossa Senhora das Oliveiras, e também do Divino Espírito Santo. Aí no dia que começa a festa mesmo, que é sexta-feira, do Sagrado Coração de Jesus, aí começa a procissão com a missa, com o encerramento. Encerrou a missa, tem o show. No sábado é a mesma coisa, que é do Divino Espírito Santo. Tem a missa, tem a procissão. A Marujada, não pode faltar. E no domingo, também.

- *Aí no domingo que é a Festa da Padroeira?*

- Da Padroeira, aí tem os leilões, porque a gente consegue, através de rifas, a gente consegue alguma contribuição: bezerros, alguma outra coisa material. E faz o leilão, corre as rifas, geralmente bem à tardezinha que acontece isso.

- *E esse material, é só de doação ou a Prefeitura também...?*

- Não, só de doação. Que a Prefeitura, ela te dá o show, todos os shows, e com a estrutura de...toda, né? De palco, artista, acomodação deles, alimentação.

- *E quais artistas são?*

- Geralmente da terra, da região aqui mesmo, nada assim muito grandioso não.

- *Nessa festa são muitas pessoas que comparecem?*

- Sim. Até itambeenses ausentes, até toda a região vizinha, todos vêm participar.

- *E assim, você percebe uma devoção muito grande em relação a esses santos?*

- É, aqui no município sim, aliás, e em outras pessoas também, da região. Porque aqui, o pessoal é bem devoto, de Nossa Senhora das Oliveiras, Sagrado Coração de Jesus e Divino Espírito Santo. Têm muitas promessas, que são pagas nesse dia, nessa festa. Então, é muito bacana.

- *E porque dessa devoção? Nossa Senhora das Oliveiras é a padroeira, e porque essa devoção a ela, porque que ela é a padroeira? E os outros santos, porque que tem essa devoção aos outros santos que não são padroeiros da cidade?*

- Porque geralmente, eu acho que é por aí, pela questão de ser a festa desses outros santos junto com a Padroeira. Então, na verdade, a devoção, no meu modo de ver, e entender assim, que é de todos os santos, ao mesmo tempo.

- *E essa festa sempre assim, foi junta?*

- Sempre foi junta.

- *Desde quando?*

- Já tem bem uns 40 anos, desde a emancipação de Itambé do Mato Dentro. 47, 48 anos.

- *Que são desses santos juntos. E você estava falando dos shows, quais são os grupos que vêm tocar, ou que vêm cantar?*

- Olha, geralmente são pessoas aqui da região mesmo. De Itabira, Belo Horizonte, não artistas ainda conceituados, não ainda. Mas eu sei que fica muito boa, o pessoal fica muito animado, dá um público aproximadamente de umas 4.000, 5.000 pessoas. Então assim, é um público muito bom, pro tamanho da cidade.

- *E tem barraca também?*

- Têm barraquinhas, o pessoal de fora coloca barraca.

- *O pessoal vem de onde?*

- Belo Horizonte, Itabira.

- *E que tipo de barraca?*

- De alimentação geral, bebidas...

- *E têm outras festas, também importantes?*

- Aí, Carnaval, festas tradicionais mesmo, normais.

- *E tem aqui festa de outros santos. Como Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora das Graças. Você sabe falar assim, de alguma ou de todas?*

- Essas são festas assim, também tradicionais, tanto é que acontece todo ano, todas essas festas. Mas é uma festa pequena, é uma festa que não tem muita...só mesmo a missa, e a manifestação da marujada, nada assim, sem show, sabe?

- *De qual delas você está falando?*

- O restante delas. Tanto Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Aparecida...

- *Mas sabe dizer quando que elas acontecem?*

- Não sei dizer não, isso eu não sei te falar. Parece que Fátima é maio...

- *Santa Luzia...*

- Não... isso também é do povoado, né? São santos assim...

- *Têm outras festas que realmente aparecem aqui que são das comunidades rurais. Tem a Festa de São José de Várzeas, Nossa Senhora da Conceição...tem várias aqui: São Expedito, São Miguel Arcanjo, Santa Terezinha. Tem alguma delas que você sabe falar?*

- Não, justamente é a mesma coisa. Tanto essas da sede, como essas na zona rural, é mais nesse estilo mesmo. Só a Marujada, a missa, uma procissão pequenininha, ali mesmo no adro da igreja, mas nada além disso.

- *E essa missa, é rezada pelo padre da paróquia?*

- Sim.

- *E essas festas são freqüentadas geralmente por qual tipo de público?*

- Essas aí são do pessoal ali da região mesmo. Do povoado mesmo.

- *E encenação da Sexta-feira da Paixão?*

- Não tem.
- *Porque não tem mais?*
- Não, muitos e muitos anos não existe mais.
- *Semana Santa, como que é?*
- Só mesmo a procissão e missa.
- *Não tem barraca, quermesse, shows...?*
- Não. Shows, só no Sábado de Aleluia.
- *E como que é esse procedimento, essa organização?*
- É assim: a igreja faz a manifestação dela, que é a missa, é a procissão, durante a semana inteira. Aí no Sábado de Aleluia, aí vem a Sexta-feira da Paixão, tem antes do show, a Queima do Judas; e logo depois tem um show, que a Prefeitura também patrocina, que é até na quadra poliesportiva, entrada franca, tudo, e aí termina a Semana Santa, e encerra, né?
- *E vem muita gente de fora?*
- Vem, vem muita gente de fora, porque é feriado. A cidade tem vários atrativos, geralmente é muito calor ainda, vem curtir a cidade, as cachoeiras, enfim. Têm pousadas...
- *E como que é essa Queima do Judas?*
- Ó, é muito interessante, porque confecciona um boneco, e dentro desse boneco tem amendoim, pólvora, bombinha, bala...Então, esse boneco, ele fica muito bacana porque tem a roupa, tudo direitinho, sabe? Monta o boneco num cavalo, antes da meia-noite. Aí quando é meia-noite, num preguinho mesmo, eles mete fogo no Judas, no boneco, e aí sai amendoim, sai bala, e ele é queimado, como diz o outro, porque traiu Jesus, né? Então, e aí junta aquela meninada, porque tem muita bala, muito amendoim, enfim, um monte de guloseimas dentro do Judas que, antes dele explodir, ele manda tudo. Aí é uma festa! E o final é ver o Judas queimar.
- *Isso é na sexta-feira mesmo?*
- Não, isso é no sábado. Meia-noite no prego. De sábado pra domingo. No Sábado da Aleluia, no caso.
- *Então, tá dentro das comemorações.*
- É, religiosas. Logo após à queima do Judas, é o show, aí termina.
- *E no Domingo, tem alguma coisa?*
- Não, encerrou, acabou os shows de madrugada, aí não tem mais nada assim. Acabou mesmo.
- *Nem uma missa?*
- Acredito que sim, tem missa sim.

- *E, eu estou vendo aqui, você falou do artesanato, mas parece que Itambé também é famosa por suas benzedadeiras. E assim, você sabe me falar de alguma, que tenha aqui?*

- Olha, eu conheço um senhor aqui na sede, é o Senhor Tatinha. E, tem uma na zona rural, com o nome de Almerinda. Zona rural de Bicuíba.

- *E assim, como que, por exemplo o Senhor Tatinha, ele age? Ele usa ervas, como que é?*

- Geralmente, todo benzedor usa ervas. Um raminho de alecrim, ou de arruda, pra benzer, sabe? Essa Almerinda, além dela usar esses ramos, ela usa também a cinza do fogão, carvão...carvão nada, que na verdade é brasa. Você pega a brasa, tem um ritual dela que ela coloca a brasa na água, e na medida que a brasa vai afundando, vai tirando-se o mal. Então depende de cada um, de cada característica de cada um.

- E quais males, assim, que ela corta?

- Dor de cabeça, vento caído, que eles falam, espinhela caída. Vento caído é criança, né? Enfim, qualquer...falta de apetite, sabe?

- *E o quê que é vento caído e espinhela caída?*

- Bom, também não sei explicar assim certinho, o quê que é um vento caído não (risos). Espinhela caída, segundo eles contam e mostram, é uma coisa meio assim, que eles medem com um barbante, aí você vai três sextas-feiras pra benzer. E você não pode tirar o barbante. Quando você vai no último dia, o barbante cai assim, do seu corpo, amarrado, então quer dizer, deveria tá...não sei te explicar como, eu nunca vi, também nunca tive não. Mas eu já vi, de pessoas mesmo assim; aí depois que o barbante caiu, você faz um, o benzedor faz uma outra oração, onde joga aquilo na água, que esse mal isso não vai ter mais.

- *Mas fica com o barbante as três semanas seguidas ou só na sexta-feira?*

- Fica, fica. Você pode tirar só pra tomar banho, e ele é assim, ele é colocado na medida certinha. Quando se termina a benzeção, ele fica lá, não sei porque ele cai, sem desamarrar, lógico, né? E aí, você pega aquilo ali e joga na água, na correnteza. É a senhora que fala, é o benzedor que faz.

- *E vem muita gente procurá-la.*

- Olha, lá nessa Senhora Almerinda, ela já teve muita gente. Hoje ninguém procura muito assim mais não, sabe? Tá se perdendo...

- *Porque tá se perdendo? E porque você acha que tá se perdendo?*

- Pelo fato que, acho que hoje tá todo mundo muito descrente, pra falar a verdade, assim. E também, essa questão cultural – “ah, isso é bobagem” – questão mesmo de...não existe mais, crenças.

- *E Senhor Tatinha?*

- Também é mais ou menos da linha da Senhora Almerinda.
- *Cura os mesmos males: espinhela caída, vento caído?*
- É, até eu nunca vi ele benzendo não, mas dizem que ele benze de tudo também.
- *Usa plantas?*
- É. Às vezes chega e ele diz: “nossa, você tá com mau olhado”.
- *Ele? Chega e olha?*
- É, ele fala pra gente: “nossa, que mau olhado”. Aí vai benzer a gente, sabe?
- *Então será que ele tem assim: essa sensibilidade, essa percepção pra...?*
- Bom, eu não sei. Quem sou eu pra, falar se tem ou não tem. Eu acho que, o que cura, é a fé. Então, pra quem acredita, eu acho que vale a pena!
- *Claro! E tem gente que procura...?*
- Têm, têm pessoas que procuram ainda. Geralmente são pessoas mais velhas, porque jovem não procura esse tipo de benzeção não.
- *O Senhor Tatinha fica aqui na sede, e a Senhora Almerinda fica na zona rural?*
- Na zona rural.
- *Tem também aqui Dona Caetana...*
- Essa eu não conheço não.
- *Eu estou vendo também aqui na sede, tem um mestre: um violeiro, Antônio.*
- Seu Antônio. Mora em Lavapés.
- *Ele é violeiro, como assim?*
- Ele toca um violãozinho dele aí, sabe? De vez em quando reúne com os amigos num barzinho...assim.
- *Mas porque ele tá citado aqui? Ele é muito conhecido na região?*
- É, geralmente é ele. Os violeiros daqui da cidade, é ele. O Casemiro acho que está citado aí, o Jovito...
- E eles se reúnem sempre? Sempre assim, ao mesmo tempo?
- É, com certeza.
- *Aí todos tocam...eles tocam viola ou violão?*
- É, violão. Tem uma sanfona entre eles, sabe?
- *E que tipo de música eles tocam?*
- Sertanejo, e sertanejo mais raiz, também.
- *E nessas festas eles participam, nessas festas que têm na cidade?*

- Não, não, não. Só quando mesmo, Festival das Montanhas, que às vezes eu vou, e como diz o outro, pego quase que a laço, sabe (risos)? Aí dá pra sair alguma coisa lá com a gente. Só assim mesmo a participação deles.

- *E eles têm alguma associação, assim, alguma forma de se organizar?*

- Não.

- *Uma periodicidade, assim, eles se encontram uma vez por mês, assim por exemplo?*

- Entre eles acredito que sim, eles encontram pelo menos uma vez no mês, eu já fiquei sabendo que eles encontram.

- *E onde que eles costumam tocar?*

- Ali no Bar do Jânio, ou então no Bar do Seu Zé Pedra, eu já vi eles encontrando.

- *E tem gente pra vê-los cantar, tocar?*

- Geralmente tem a turminha deles. Quando eles tão tocando, a turminha deles tão seguindo eles também, e na verdade, uma roda de viola é muito bom (risos)! Então assim, tudo que tá ali, eu acho que todo mundo chama a atenção, não tem como.

- *Mas vem gente de fora...?*

- Não, só o pessoal deles ali. Só da cidade mesmo.

- *Esses bares que você citou, ficam aqui na sede.*

- Fica, fica na sede.

- *E desses bens que você citou, passando pela Marujada, pela Festa da Banana, pelas outras festas, todos assim, como que você percebe a importância desses bens para a cidade, para os moradores, e qual a influência, desses bens no dia-a-dia dos moradores, ou quando eles acontecem, mesmo?*

- Você fala o quê que esses bens significam para a população, no caso.

- Isso, isso.

- Bom, eu diria que é um bem muito valioso, porque são...tradicional, igual aqui em Itambé, vamos supor, pelo menos: a banana. Nesse tanto de casa que existe aqui, em Itambé, na sede, você pode fazer uma pesquisa: todo dia, têm duas, três, coisas diferentes, ou seja, receitas diferentes, dentro de dez casas existe. Uma sopa de banana, uma banana frita, um doce de banana. Isso é normal acontecer, sabe? Então assim, a importância disso é enorme, porque, na verdade, pra que isso num acabe, pra que isso, no caso da banana que eu estava falando do...de tá mesmo assim, buscando esses documentos, pra esse registro, pra que a própria pessoa daqui tenha consciência, sabe, que isso num vai passar, vai sempre estar e, de uma certa forma, assegurado. Então, porque muita das vezes, a gente tem aquele bem ali, e na verdade você desconhece. Mas não é porque você desconhece porque quer desconhecer! É

porque você talvez não tomou consciência, não conscientizou, do verdadeiro valor daquilo ali. Então, eu acho que é por aí, sabe, eu acho que é muito valioso nesse sentido.

- *E são muitas pessoas que têm essas receitas, que utilizam a banana mesmo pra fazer receitas, produtos...?*

- Aqui no Itambé são todos. Parece que vocês almoçaram em Dona Dalva, né? Eu não sei se vocês encostaram com alguma coisa de banana lá. Vocês tiveram oportunidade de provar alguma coisa de banana lá, hoje?

- *Não, a gente não provou não, mas em outros momentos eles provaram (risos).*

- Então assim, todo mundo tem uma receita diferente da banana, tem a salada de banana, que é uma coisa muito gostosa, é uma coisa bem prática, então rapidinho você faz, todo mundo faz demais. E outros, né?

- *E tem um incentivo, aqui tem muita produção de banana pra isso, pra ter essa demanda...?*

- Essa demanda, digamos, de vários, culinária da banana. Pois é, tem sim, aqui tem muita plantação de banana, na região da zona rural.

- *De gente que faz parte da cidade mesmo. E a Prefeitura incentiva essa produção também?*

- Não, isso já é tradição deles também. Eles são fazendeiros, todo mundo que tem um porquinho, tem que ter uma chácara, né? Então, já tem bastante tempo.

- *E das festas? Então dessa festa da Padroeira que você falou, que tem mais movimento, que tem mais presença mesmo, qual que é a importância, pros moradores da cidade?*

- É essa questão mesmo de religiosidade, de esperar aquele momento, aquele mês de agosto ali pra...são dois momentos aqui, vão dizer assim. Que é a Semana Santa, e também a Festa da Padroeira. São esses dois momentos que eles param assim, pra rezar, pra cultuar mesmo a Padroeira e os outros santos.

- *E assim, há, vamos dizer...um investimento nessa festa, uma dedicação pra que essa festa aconteça assim, por parte não só de quem não só está organizando, dos festeiros; mas por parte de quem tá mesmo comparecendo a essas festas? Ela tem uma visibilidade religiosa; e se, além da religiosa, qual que é?*

- Não, é isso mesmo. É a parte religiosa mesmo. E geralmente ela vem focada mesmo através do pároco que organiza, ou seja, desenvolve mesmo essa festa da Padroeira, junto com os festeiros. Então varia muito daquilo que o festeiro quer, da visão que ele tem, do interesse que ele tem de tá realizando essa festa...porque isso muda constantemente por causa disso, você entendeu? Dos festeiros. Tem festeiro que diz: “ah, vou fazer por fazer”. Outros não: “ah, vou fazer, quero fazer uma festa bonita pra ficar marcada”. Então, tem essa competição que é

muito boa. Então só vai crescendo, ano a ano, porque se você faz uma festa boa, eu quero fazer melhor.

- *E são quantos festeiros, no geral?*

- São...de seis a oito festeiros. São casais.

- *E eles são escolhidos anualmente?*

- É por sorteio. Os festeiros desse ano, por exemplo, coloca o nome das pessoas...por exemplo, eu fui festeira do Sagrado Coração de Jesus. Então vou escolher dois casais pra estarem fazendo a Festa do Sagrado Coração de Jesus ano que vem. Então coloco lá, e não só dois, coloco vários. O que sair é esse mesmo, sabe? Você coloca o nome das pessoas, porque se for pra você escolher também, é muito trabalho, o pessoal já não tem muita paciência de querer fazer essa festa não, sabe? Dá muito trabalho, é muito cansativo.

- *Você, como festeira, como que foi sua experiência?*

- Pra mim, foi até ruim pra eles, você sabe por quê? Pelo fato assim, todo evento, eu que trabalho todo evento. Então Cavalgada, desde o Carnaval até Festa de Agosto, eu trabalho direto. Então eu não tive muito tempo, na verdade, de tá trabalhando em prol da festa. Indiretamente eu estava trabalhando, mas não teve muita ajuda não, porque assim, tem as festas igual no caso: que é Carnaval, são quatro dias. Aí eu já pude trabalhar, porque tem o bar. O bar da quadra é doado pra igreja, o Prefeito faz toda uma infra-estrutura, pra Carnaval e tal, e o que se arrecada no bar da quadra, é do festeiro. Então assim, são quatro noites, dia e noite trabalhando direto, aí eu ajudei. Mas já a Cavalgada, que também é muito grande também...que são quatro dias, eu já não pude ajudar em nada, porque eu fico ocupada com outras coisas, desde show, lanche, às vezes é um...alguém que precisa de um médico, de um enfermeiro, então acabam procurando a gente, por causa que a gente é organizador. Então num dá procê ficar parada num lugar só, trabalhando só em prol de uma coisa. Mas no mais foi tranquilo, porque o pessoal entendeu, mas eu acho que eu não fui boa pra igreja, pra colaboração mesmo, de trabalhar, porque é cansativo, é árduo mesmo, de tá enfrentando quatro noites aí e virar a noite, vão dizer assim. É pra poucas pessoas, não é?

- *É. E a Cavalgada, realmente é bom a gente falar um pouquinho dessa festa. Como que é o desenrolar dos eventos da Cavalgada? Assim, quando que ela acontece por exemplo, quais dias da semana, como que é?*

- A Cavalgada, ela varia de região pra região. Porque existe na nossa região, quando eu falo região, é cidades vizinhas, tá? Todo mês tem uma cavalgada em uma cidade, e a nossa cavalgada, ela era a primeira. Acontecia sempre em março, abril, no máximo. Então, às vezes que ficava meio complicado pra gente, porque a nossa é uma das maiores. E aí vem Carnaval,

ficava muito em cima. E como é uma estrutura muito grande, que a gente tem o rodeio, têm shows, têm três shows por noite, tem uma infra-estrutura que a gente tem que montar pra Polícia Militar, bombeiro também, os barraqueiros de fora que vêm. Mas enfim, tudo, tudo. Então a gente achou melhor, passar essa Cavalgada pra junho, no feriado de Corpus Christi. E aí ficou uma data boa, porque ficou tranqüilo pra Itambé.

- *Aí ela acontece de quinta a domingo?*

- É, de quinta a domingo.

- *Começa então no feriado de Corpus Christi mesmo, que é na quinta-feira.*

- É, no feriado de Corpus Christi.

- *E como que é o desenrolar dessa festa? Na quinta, o quê que acontece?*

- Na quinta-feira já tá pronta toda estrutura, aí começa com um show. Na sexta-feira a gente já tem o show, tem o rodeio, tem o show. No sábado, aí tem as provas funcionais que é a de marcha, tambor; e no domingo, são as provas funcionais que...toda região...vão dizer, de trote, de Mangalarga, Campolina, burro, égua, enfim. E esses animais que são avaliados aqui, nesse concurso, são de haras da região também. E tem gente que vem de longe, os animais, tem um corpo muito bacana, porque são animais que têm todo um acompanhamento veterinário até...são haras bastante, sabe, bacana de infra-estrutura mesmo. Então o pessoal gosta de vim, trazer os animais aqui também, pra gente assim, a gente fica bem lisonjeado com isso, porque isso se torna, faz com que a Cavalgada, ela fica mais interessante, bem maior o evento, no todo, você entendeu? Então assim, é muito bacana o nível do animal que vem disputar, fazer as provas aqui, sabe?

- *Então essas provas são, como se fossem concursos?*

- É um concurso.

- *E quem que traz esses animais? É gente da região?*

- É, da região, igual falei há pouco, pessoas até de muito longe! Porque daqui a Carmésia é longe, tá trazendo animal embarcado no caso, e Monlevade, Ipatinga, enfim, toda a região mesmo, sabe?

- *E quem que investe nessa festa?*

- O Poder Público mesmo.

- *E vem muita gente também, assim, fora os que trazem os animais?*

- Vem, essa cavalgada é em torno, ela deve dar umas 8.000, 10.000 pessoas.

- *De onde que vêm essas pessoas?*

- De toda a região também.

- *E tem muito tempo que ela acontece, essa cavalgada?*

- Essa é a 23ª.

- *No folheto aqui está falando desde 88, seria isso, ela acontece anualmente?*

- Anualmente.

- *E assim, eu tinha perguntando da Marujada, vou aproveitar e pegar o gancho da Cavalgada. Qual que é a importância, você tinha falado das festas religiosas, e agora desses bens, qual que é a importância desses bens, né? De uma forma, cada um no seu modo, tanto da Marujada quanto da Cavalgada, pra cidade mesmo?*

- Eu acho que a Cavalgada, ela tem mais a característica, ou seja, a cara de Itambé do Mato Dentro, justamente por ser essa questão sertaneja. É uma coisa que é um country, que as pessoas identificam mais, a população aqui identifica muito com a Cavalgada. Então assim, pra população, se não tiver Cavalgada, não tem festa nenhuma em Itambé. Você pode fazer Carnaval, você pode fazer Semana Santa, você pode fazer a Festa da Padroeira, mas o principal não teve, entendeu?

- E têm shows também?

- Têm shows, durante todos os dias.

- *Shows de artistas sertanejos?*

- É, sertanejo.

- *Ou de outros tipos de música também?*

- Não, tem pop rock, vários outros estilos; mas eu acredito que essa aí, tanto pra Itambé, quanto região, essa é a que mais chama atenção de todo mundo. É o estilo, a Cavalgada, né?

- *Entendi. E da Marujada, é outro meio de manifestação. Como que seria? Eles participam também da Cavalgada?*

- Não, aí já é outra coisa. Vem mesmo assim pra prestigiar, pra participar, mas não como apresentação.

- *E a Marujada, como que ela é vista aqui na cidade, na região?*

- Então, todo mundo respeita, acha bonito, mas não tem uma...Sabe, é o tipo da coisa, eu costume falar assim com o pessoal: “casa de ferreiro, espeto é de pau”. Todo mundo acostumou. Parece que vê, mas não percebe. É assim, não só como na Marujada, mas nos nossos atrativos naturais aqui, tem gente aqui, que você fala assim: “você já foi na cachoeira da Serenata?” “Nunca fui”. “Já foi em Itancá?” “Nunca fui”. Às vezes as pessoas de fora, mas geralmente é assim mesmo, mas então assim, é que dá valor, é que acha bacana, sabe? Que entra junto às vezes pra dançar...mas têm aquelas pessoas que gostam, que acham bacana, que...enfim. Mas não é assim, uma coisa assim absurda, mais.

- *E assim esses bens, de uma forma geral, tem algum que você acha que sofre alguma ameaça, de se extinguir no futuro?*

- A Marujada.

- *Porque a Marujada?*

- Porque a Marujada é, é isso que eu estava falando há pouco, porque ainda que...o próprio pessoal, os integrantes, eles não têm ainda a consciência do porque...pra eles, é igual se fosse, eles estão ali apresentando, mas é como se tivessem numa missa. Mas eles não têm assim uma responsabilidade, assim de: “ah não, agora a gente não vai beber”. Um exemplo: “a gente vai tirar um tempinho aqui, pra ensaiar essa musiquinha, pra gente entrar em uns acordes do nosso violão, pra coisa ficar mais bonita, sabe como?” É por causa disso. E falta mesmo de interesse, daquele que tá ali no meio, e da comunidade, de São José de Várzeas, no caso, e até mesmo, de todo mundo, vamos falar assim uma responsabilidade de todo mundo, de num querer levantar a coisa: “vou integrar nesse grupo, como que eu vou fazer pra tá entrando, pra poder ajudar”. Porque quando as coisas ficam na mão de um só, fica muito difícil, e a conscientização é a coisa mais difícil que tem pra fazer, a gente leva anos e anos, uma vida talvez. E eu tenho medo que isso, de certa forma, não chega até eles. Por mais que a gente insista, por mais que a gente tenta levantar, incentivar, eu tenho medo que eu não consiga, e talvez alguém também não consiga.

- *E os outros bens, como eles são repassados pra outras gerações? Outras práticas, outros bens...*

- É, porque assim, a Cavalgada, já é igual eu disse, ela já é bem característica, que isso é uma coisa que não vai acabar nunca. O Festival das Montanhas, no caso...Carnaval não acaba, Semana Santa não acaba, porque todo mundo espera disso, igual no caso: Carnaval, tem o pessoal que trabalha com pousada, têm as cachoeiras, têm donos de cachoeiras que...eu tenho certeza que o Poder Público, o que tiver na mão da máquina, ou seja, do Poder Público, que faz e organiza tudo, num vai acabar. A festa tradicional de Senhora das Oliveiras não vai acabar, o pessoal é religioso. Ainda tem esse perfil. Agora, o que é ameaçado de verdade, pra mim, é a Marujada, porque independe do Poder Público, independe de você, sabe? É eles ali. Não adianta você falar – “olha, vamos fazer isso, isso e isso”. Se eles num quiserem, num faz.

- *Eles não têm isso, de passar essa cultura de pai pra filho?*

- É. Por mais que eu chegue – “vamos lá, é tão bonitinho, vamos dançar” – eu vou pro meio do grupo deles...eu, Sandra, aqui da APAE, pra ver puxa mais alguém, né? Nada, ninguém vai, e nem eles mesmo, da região ali. Vários deles já saíram, já fui, já conversei, não adianta.

- *Eles não têm essa cultura de passar pra gerações seguidas, pra crianças, pra perpetuar isso?*

- Não têm.

- *E os artesãos e benzedeiros? Tem assim, uma forma de perpetuar essa arte deles, esse modo de fazer deles?*

- Olha, os benzedeiros, acho que não. Mas o artesanato, os artesãos aí já têm aquela coisa que faz pra sobrevivência, porque...então, aquilo que tá em casa, vai passando de pai pra filho. Nesse ponto, passa. Igual as meninas do Seu Lucas, que é o mestre, elas são um espetáculo na cestaria, porque aprendeu também assim. Então eu acredito assim, que isso aí não vai acabar. Se não até, já tinha acabado. Porque isso em Itambé é antigo, esse tipo de artesanato aqui, ele é muito antigo.

- *E a culinária das bananas, também existe alguma forma de isso ser repassado pra gerações futuras, também?*

- É, sim! É o que a gente faz, de resgate, conscientização também. Mas é uma coisa que já existe, que está aqui no dia-a-dia deles.

- *E nessa...,você falou muito disso, de buscar resgatar essas tradições. Então, sob esse aspecto, quais as dificuldades que são enfrentadas pra esse resgate, e quais são as soluções encontradas para a continuação dessas manifestações, desses saberes, dessas práticas, né?*

- Olha, o quê que é feito pra conscientização?

- *E pra resgate, dessas culturas, dessas práticas culturais.*

- Eu diria assim, que...trabalho, não pode desanimar, é uma coisa bem que...é o tipo da coisa: você tem que ir, e não pode pensar nunca em desistir. Por isso, que ainda tá acontecendo, entendeu? É insistir, persistir, porque ainda que as pessoas, em alguns pontos, fazem, usam e não têm muita consciência de passar isso...a gente tava falando agora há pouco. De ser, porque que se faz isso, porque que eu faço e todo mundo gosta, você entendeu? E é uma coisa assim, de patrimônio mesmo. Eu acho que eles sabem, fazem, mas eles desconhecem o próprio patrimônio deles, e acha que isso num é legal. Isso é jeca! É uma coisa assim, que eles falam pra mim: “ah, ninguém liga pra isso não, isso é jeca”, sabe? Então, até você conscientizar a pessoa que isso não é jeca, que isso é diferente, que isso é bacana, sabe como? Que isso tem valor, é muito difícil. E às vezes você fala, eles te ouvem, te olham, mas eles num trazem pra si o valor daquilo ali. Então você tem que continuar insistir, persistir. Sempre que posso, estou nessa luta e reluta aí, sabe?

- *E você tem alguém que te ajuda nisso, da Prefeitura ou fora da Prefeitura?*

- Eu tenho a Patrícia da Miguilim, que às vezes faz alguma...manda algum projetinho. E na verdade, nessa luta diária aqui sou eu. Igual o pessoal fala – “nossa, você é louca de fazer essa banana com melado, você tá doida!” “Gente, não é doida não, é o que a gente come, é o que a gente sabe fazer”. E aí a gente leva também o engenho lá pra praça, leva a cana, mói, e pra eles: “nossa, que loucura, né? Fazer melado, nessa praça aqui”. Então assim, é só eu mesmo, então eu vou lutando. Agora, igual você falou há pouco, um momento antes aí, eu também tenho medo dessa tradição não vingar, porque varia muito de administração pra administração também. Por isso, que a gente tá querendo agora, de verdade, até final desse ano, fazer o registro da banana com o festival, pra que a gente tenha a certeza que ele vai continuar. Porque sem esse registro aí, eu acho que não vai ter uma sequência não.

- É, isso que eu ia perguntar, se vocês têm uma outra forma, além desse trabalho cotidiano de tentar conscientizar, se vocês também criam formas de captar recurso pra isso também. Você tinha falado de doação de material, mas não só pra Marujada ou pra banana, mas para o evento como um todo, quais são as políticas permitidas, pra isso?

- Política, o negócio é que no caso do festival, a gente recebe o ICMS cultural, anual. Então, a gente usa esse dinheiro pra gente tá fazendo esse festival, durante o ano também, em outras manifestações e tal. Isso aí é certo, todo ano tem. Mas eu acredito que outra administração, que não seja eu mais Secretária de Cultura, talvez não tenha interesse ou não quer continuar. Então o interessante seria que fizesse o registro dessas festas, dessa banana aí, pra que num acabe tudo isso.

- E o Miguilim, você falou do Projeto Miguilim, como que é a atuação deles?

- A Miguilim, ela presta serviço diante da proposta que ela faz. Então todo ano a gente faz os laudos, de todos os bens. Tem aqui a igreja, que é o altar, temos o sítio arqueológico, a banana com melado. Então, dentro de cada um, a gente vai desenvolver aquilo que é melhor pro município, ou está sendo menos trabalhado, entendeu?

- São empresas, o Miguilim, porque tem o Projeto Miguilim. Nesse caso é uma empresa que presta consultoria?

- É, consultoria, pra cultura.

- E presta pra Prefeitura.

- É sim.

- E, além de tudo que eu perguntei, do que você falou, tem algum comentário geral que você queira fazer. Alguma coisa que eu não possa ter perguntado, que você queira trazer aqui pra gente?

- Não, eu acho que é isso mesmo que a gente falou. E que a única coisa que eu gostaria muito, que não tá ao alcance de ninguém, é que todo mundo tivesse a consciência do que a gente realmente tá buscando, tá tentando não deixar morrer, pra gente não perder a tradição. Então, é muito difícil, porque quando a gente não tem memória, imagina o que vai sobrar pra gente. Então a memória é muito importante, é todo um passado, é toda uma história na verdade. Então é o que eu sempre falo pras pessoas, daqui, que tem que preservar o máximo, porque quando a gente não preserva, a gente não tem história, de verdade. Não tem nada a contar, e a gente passa, a gente não fica, né? É isso.

- Ok! Muito obrigada!

- De nada!